

Filológicas I

Alteração em texto célebre

Paulo Silva de Araújo, da ABF e UNESA

Fato simples, e amiúde repetido, acha-se na intransitivização de verbos ordinariamente de regência transitiva. Ocorre tal se usados em sentido absoluto: Nas reuniões, o Caio fala sempre: *exige, recusa, louva, agride*.

Esse constitui fenômeno importante em economia psíquica.

O organismo propende – norma geral biológica – para deixar de fazer o que pode deixar-se. Se o físico se inclina para semelhante escusa, o anímico adianta-se mais ainda no ausentar-se.

No idioma de Horácio, verbos expressivos de *sentimento* ou *manifestação externa deste* ficam, de regra, no campo dos intransitivos. Assim, redijo: *In exilio, flet Petrus*. (No exílio, Pedro chora.) *Ridendo castigat mores*. (Rindo, castiga os costumes.) Esta, aforismo relativo à Comédia.

Os dois e alguns outros verbos, entanto, surgem às vezes formando corpo diverso construcional. Dessarte, permite-se-me escrever: *In coemeterio, mortem flevi Silvii Eliae* profunde. (No cemitério, chorei a morte de Sílvio Elia profundamente.) *In via Fluminis Ianuarii, latronem risi fugientem cursim*. (Em uma rua do Rio de Janeiro, ri-me de um ladrão que fugia a correr.) Virgílio, nas *Bucólicas*: “*Ingemuisse interitum*”. (Ter gemido a morte.)

Os acusativos *mortem, latronem, interitum*, indicam, portanto, que os verbos do quinto parágrafo, de gênio intransitivos, igualmente expõem no *sermo perpolitus* regime transitivo direto.

Homogêneo ao latim, constrói-se o grego nobre. Assim, Platão, nas *Leis*, 960, a: “*Dacrýein mèn tòn teteleutecóta...*”. (Em verdade, chorar o falecido...) Sófocles, no *Ájax*, 579: “... *episquénous góous dácrye: ...*”. (... próximo à tenda, chora gemidos: ...)

Admirar-nos-ia a todos, deveras, se os literatos romanos, brilhantes qual seu reino, e muito inspirados na ilustração helênica, não expandissem a bela estrutura com verbos que denunciasses *transportes do ânimo* ou *suas revelações exteriores*, à de verbos com *índole outra*.

Foi o que se aguardaria.

Galas estilísticas desse molde ostentam o nível primoroso da sociedade para a qual se destinavam.

Utilizando-se alguém do Lácio idiomáticamente fidalgo, poderia recordar saudosos: *Ambulare maria* volui saepe in adolescentia. (Na adolescência,

freqüentemente anelei *andar os mares*.)

Abonar-lhe-iam o período modelos das boas-lettras em Roma. Sejam bastantes: Cícero e Virgílio.

No *De finibus*, II, 34, 112, Cícero: “Xerxes quom tantis classibus ... *maria ambulasset, terram navigasset...*”. (Xerxes, embora com grandes frotas... *tivesse andado mares, navegado terra...*) No *De officiis*, III, X, 10: “Qui *stadium*, inquit, *currit...*”. (Quem, diz, *corre o estádio...*)

Virgílio, nas *Geórgicas*, III, 260: “Nocte *natat caeca serus freta*”. (Pela noite escura, *vígil nada o mar*.)

Nessa linha, que se passa com o verbo “*Ire*” (*Ir*)?

Convoquem-se Virgílio, Valério Flaco, Propércio e Valério Marcial.

Virgílio, na *Eneida*, IV, 467-468: “... *semper longam incommitata videtur ire viam*”. (...parece ir o longo caminho sempre desacompanhada,...) No VI, 122: “...*Itque... viam toties...*”. (...*E vai o caminho tantas vezes...*). Com chamada de palavras da oração anterior, temos: E (se Pólux) *vai* o caminho, *a estrada* tantas vezes... Para sintetizar: ratificam a sintaxe e a interpretação de *ir a estrada*: Valério Flaco, em *Argonáutica*, IV, com “*Ignotas... ire vias*”; Propércio, nas *Elegias*, I, I, com “*notas... ire vias*”; Valério Marcial, nos *Epigramas*, VI, com “*Capitolinas itque... vias...*”.

Possui o grego clássico algo parecido a *ire viam*? Possui idêntico. A *ire viam* responde *érchesthai hodón*. Conseqüentemente, pode dizer-se, prosando ou versejando: *Érchomai hodón*. (*Vou uma estrada*: *sigo-a, ando-a*.) *Viam* e *hodón*, acusativos de objeto direto, e não de adjunto adverbial.

Tesouros que tais: *navigare terram, ambulare maria, dacryein teteleutecóta*, descobertos pelo exame cuidadoso da língua nos monumentos literários, relacionam-se como objetos pérola da cativante Filologia Clássica e, na circunstância, Comparada.

A optimacia literária greco-latina herdou a letras românicas a jóia focalizada. O francês repolido o demonstra, consentindo escrever: *Orgueilleux et opiniâtre, le délinquant va son mauvais chemin*. (Orgulhoso e obstinado, o delinqüente *vai seu mau caminho*.) Posso também dizer em espanhol: *Va uno su camino*. (*Vai uma pessoa a sua estrada*.) Ou, na terceira vez, compor em italiano: *Ciascuno va la propria strada*. (*Cada um vai a sua estrada*.)

A preciosidade sintático-estilística acima ventilada, que a Lingüística e a Filologia Românicas listam em seus ricos álbuns, outrossim reúne, entre os qualificativos particularizados, o de luso-brasileira.

Testemunhem os peninsulares.

Fernão Lopes: “...o bispo emtemdeo, que elRei nom avia voomtade daver paz; e espediosse dele, e *foisse seu caminho*”. (*Crônica de D. Fernando*, vol. I, pág. 179, Barcelos, Portugal, 1933.) Frei Luís de Sousa: “*Foram os peregrinos seu caminho*”. (*A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, I, pp. 540-541, Lisboa, 1763.). Camilo Castelo Branco: “*Simeão foi seu caminho* com os outros;

e o fogueteiro...” (*Novelas do Minho*, I, 8.^a ed., p. 237, Lisboa, 1971.)

No Brasil. Dos quadros mais impressionantes e memorandos da literatura nacional, dois nos concedem presenciar estouro de boiada. Vem um de Euclides da Cunha; outro, de Rui Barbosa, excerto de oração política, a respeito de uma de cujas expressões trato aqui, meta suprema destas folhas.

A par da edição oficial da *Casa de Rui Barbosa*, lida por muitíssimo poucos, inúmeras antologias propagam o descrito movimentado.

Análise estilística da produção completa, já ultimada, comparecerá breve em **Filológicas** (série).

No manifesto ruiano, encerra-se toda a explosão bovina em extenso parágrafo concionatório. Nos florilégios, comum é encontrar o segmento estético. Começam do jeito abaixo.

“*Vai o gado na estrada mansamente, rota segura e limpa,...*” (Batista Pereira, *Coletânea Literária*, 4.^a ed., p. 242, Rio de Janeiro, 1940). (Batista era genro, íntimo e profundo admirador de Rui.)

“*Vai o gado na estrada mansamente, rota...*” (Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 7.^a ed., p. 169, Rio de Janeiro, 1963).

“*Vai o gado na estrada mansamente,...*” (José de Sá Nunes, *Língua Vernácula*, 1.^a e 2.^a Série, 5.^a ed., p. 314, Porto Alegre, 1941).

“*Vai o gado na estrada mansamente,...*” (Silveira Bueno, *Estilística Brasileira*, p. 121, São Paulo, 1964).

“*Vai o gado na estrada mansamente,...*” (Cleófano de Oliveira, *Flor do Lácio*, 6.^a ed., p. 126, São Paulo, 1961).

“*Vai o gado na estrada mansamente,...*” (E. Álvares Cardoso, *Iniciação Literária*, pp. 306-307, Porto Alegre, 1954).

Não há prosseguir.

Escreveu Rui dessa forma? Não! Não escreveu.

Procurei acesso ao original manuscrito, guardado na *Biblioteca Mário de Andrade*, órgão da Prefeitura paulistana. Busquei simultaneamente uma cópia datilografada existente na *Casa de Rui*, com os defeitos do traslado corrigidos pela mão do Orador. Que se encontra nas duas fontes acerca dos primeiros cinco vocábulos do fragmento visado?

Desde os quinze anos eu o sabia por intermédio das *Questões de português*, de Assis Cintra. O que nos instrumentos designados neste e no parágrafo antecedente se vê, é isto: “*Vai o gado sua estrada*”.

Assombra-nos que os livros mencionados, de autores mui recomendáveis, publiquem mudança tão rude: troca de *sua* por *na*! Ignoravam a regência clássica? Julgaram erro do polímato? Jamais pensaria tal destes! E então?!

Ora, Rui conhecia, como ninguém, à detida, o passado formoso clássico greco-latino-português, nos aspectos por mim versados. Por isso, grafou: “*Vai o gado sua estrada*”.

Ponderando a contrafação: “*Vai o gado na estrada...*”, infere a Psicologia do Estilo que não haveria o escritor inserido, ao começar quadro deste gênero, a ênfase delicada competente. Já o boleio: “*Vai o gado sua estrada...*” porta sinal desse vigor apropriado. Ademais, a expressão, excessivamente rara, sabida e usada apenas pelos doutos, atrai logo a surpresa do leitor ávido em aprender as belezas da escrita literária.

Confrontem-se: *Vai o gado na estrada* e *Vai o gado sua estrada*. Lá, o verbo se intransitiva; cá, transitivando-se, exige o acusativo, na situação. O adjunto adverbial *na estrada* concebe-se puro incidente; o objeto direto *sua estrada*, pelo inverso, torna o caminho fração integrante do *ir*. Na primeira fórmula, o redator anuncia que o gado está *indo, caminhando, na estrada*; na segunda, registra o informe que o gado está *vencendo a estrada, percorrendo-a*. O aspecto cursivo do termo verbal é muito mais intenso no *vai sua* que no *vai na*. A predicação transitiva, por outro lado, arrola-se como absolutamente *erudita*, quando a intransitiva por absolutamente *vulgar*. Acolá, enfim, os animais *andam na estrada (eunt in via)*; na frase de Rui, as alimárias *andam a estrada (eunt viam)*.

O determinativo, pronome adjetivo *sua*, com ele o esteta não quer dizer *estrada simplesmente relacionada aos bois*, mas *estrada dos bois, aquela rota a eles destinada, a qual, nas idas e vindas, a perfazem*.

E, em norma, chega à sensibilidade do bom leitor o essencial do analisado, por intuição.

It pecus viam suam mansuete – verto em clássico para o Mestre.

Deixemos a Rui o que é de Rui.

Ordena a Filologia.